



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO TURISMO PATRIMONIAL E SOCIOAMBIENTAL**

**Racismo no Turismo:**  
**Entre militâncias e escrevivência**

**Maiara Cristina Joaquim**

Arraias– TO  
2023

**Racismo e turismo: Entre militâncias e escrevivência**

**Trabalho de Conclusão de Maiara Cristina Joaquim  
apresentado no curso Turismo Patrimonial e  
Socioambiental da Universidade Federal do Tocantins  
Campus Arrais.**

**Orientadora: Dra. Rosinalda Corrêa  
da Silva Simoni**

MAIARA CRISTINA JOAQUIM

RACISMO E TURISMO:  
ENTRE MILITÂNCIAS E ESCRIVIVÊNCIAS

Relatório de conclusão de curso apresentada à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário  
de Arraias, Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental  
foi avaliado para a obtenção do título de ..... e  
aprovada(o)  
em sua forma final pelo Orientador e pela Banca  
Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dra Rosinalda Corrêa da Silva Simoni. UNESP/PUC-Goiás,

---

Prof. Dra Janira Sodré Miranda IFG.

---

Prof. Dra Ana Claudia Sampaio Sampaio UFT.

*Para minha mãe Magda, Um coração cheio de amor e gratidão,  
Por todo o carinho e dedicação, Você é meu porto seguro, Minha  
luz, meu abrigo. Obrigada por tudo que você faz, por ser minha  
mãe, minha paz. Te amo além das palavras, Minha querida e  
amada Magda.*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero expressar minha gratidão aos meus irmãos, Marcos e Michelli, por estarem ao meu lado em todos os momentos, compartilhando risos, lágrimas e apoio incondicional. A presença de vocês em minha vida é um presente que valorizo profundamente.

À minha família, Joaquim, tios Mauro e Carlos, tias Daniela, Jurema e Marta, e primos Sabrina, Juliano, Alice, Gabriel e Rafael gostaria de agradecer por todo o suporte e amor que sempre me ofereceram. Seus conselhos sábios e encorajadores moldaram a pessoa que sou hoje, e sou grata por ter todos vocês como minha base sólida.

Aos meus professores, em especial à Simone, Thamirys, Ana Cláudia e Valdirene, e a todos os outros que contribuíram para minha jornada educacional, meu mais sincero agradecimento. Seus conhecimentos, dedicação e paciência foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Sou muito agradecida por cada ensinamento compartilhado e pelo apoio que sempre ofereceram.

E aos meus amigos, Gleidson, Ana Carolina, Bruna, Olavo, Alice, Roney, Nair, Natiara, Agda, Raissa e todos aqueles que me ajudam indiretamente, quero expressar minha gratidão por estarem ao meu lado, por serem fontes de alegria, companheirismo e apoio. Suas amizades são um tesouro que valorizo imensamente.

Por fim, quero agradecer a todos aqueles que não mencionei diretamente, mas que de alguma forma contribuíram para minha jornada. Cada palavra de encorajamento, gesto amável ou simples presença significou muito para mim. Sou grata por ter pessoas maravilhosas como vocês em minha vida. Nenhum sucesso é alcançado sozinha, e tudo o que conquistei até agora é resultado do amor, apoio e influência positiva de cada um de vocês.

Obrigado do fundo do meu coração por fazerem parte da minha vida e por tornarem minha jornada mais significativa. Sou verdadeiramente amada por ter uma rede de pessoas tão incríveis ao meu redor. Vocês são minha força e inspiração constante.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Magda, por todo o amor, apoio e dedicação que ela tem demonstrado ao longo da minha vida. Sua presença constante e seu incentivo incansável foram fundamentais para me tornar a

pessoa que sou hoje. Você é uma fonte inesgotável de força e inspiração, e sou imensamente alegre por tudo o que você fez e faz por mim. Obrigada por sempre acreditar em mim, mesmo nos momentos em que duvidei de mim mesma. Seu amor é um tesouro precioso que carregarei sempre comigo.

À minha orientadora, Rosinalda, gostaria de expressar minha profunda gratidão pela sua orientação, paciência e apoio ao longo desta jornada acadêmica. Sua experiência e conhecimento foram inestimáveis para o meu crescimento e desenvolvimento. Você me desafiou a alcançar meu potencial máximo e acreditar em minhas habilidades. Obrigada por investir seu tempo e energia em me ajudar a atingir meus objetivos. Sua dedicação e comprometimento são verdadeiramente inspiradores, e sou grata por ter você como mentora.

Tanto minha mãe quanto minha orientadora desempenharam papéis essenciais em minha vida, cada uma à sua própria maneira. Suas orientações, apoio e presença constante têm sido a âncora que me sustenta em tempos de desafios e incertezas. Sou grata por ter essas duas mulheres incríveis ao meu lado, sempre encorajando-me a seguir em frente e perseguir meus sonhos.

A ambas, minha mãe Magda e minha orientadora Rosinalda, o meu mais sincero agradecimento. Seu impacto positivo em minha vida é imensurável, e serei eternamente grata por todas as lições aprendidas, os conselhos compartilhados e o amor incondicional oferecido. Vocês são verdadeiros pilares em minha jornada acadêmica, e a minha felicidade por vocês transcende em palavras. Obrigada por serem fontes de inspiração e por acreditarem em mim.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Controle Numérico Computadorizado (CNC)

Estados Unidos (EUA)

Organização Mundial do Turismo (OMT)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. Raça e racismo na sociedade Brasileira.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1. O Brasil os Brasis.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 DOS CONCEITOS DE RAÇA E RACISMO ( histórico e Político).....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 O impacto do racismo na trajetória acadêmica de mulheres negras e no mercado de trabalho.....</b>	<b>20</b>
<b>2. O Turismo e o Turista no Brasil e as relações de Gênero e Raça.....</b>	<b>26</b>
<b>3. A Importância dos patrimônios Afro-brasileiros para o desenvolvimento do saber no Brasil.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 O Turismo no Brasil e a população afrodescendente no setor turístico.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a análise do racismo estrutural e seus efeitos no Brasil, com ênfase no setor turístico. "O Racismo e Turismo entre Escrevivências e Militâncias" busca discutir os impactos do racismo estrutural na população negra no Brasil.

Com isso, o trabalho também traz a abertura do setor turístico sobre esta problemática com discussões, canalizando ações de conscientização promovidas pelo movimento negro e a luta deste contra o racismo nesse setor.

Além disso, o trabalho traz a minha trajetória acadêmica enquanto mulher negra e os impactos do racismo na minha vida, assim como minhas vivências no mercado de trabalho.

A metodologia escolhida foi a análise bibliográfica com ênfase em estudos teóricos e pesquisas bibliográficas que analisam a realidade do turismo excludente no Brasil, em contrapartida com minha história de vida na academia no campo do turismo.

Palavras-chaves: RACISMO ESTRUTURAL. MULHERES NEGRAS. TURISMO.

## ABSTRACT

This final paper has as theme the analysis of structural racism and its effects in Brazil, more specifically on the touristic sector. "O Racismo e Turismo entre Escrevivências e Militâncias" seeks to discuss the impacts of structural racism on the black population in Brazil.

Indeed, the paper also brings with itself the opening of the tourism sector about this problematic, channeling actions of awareness provided by black movement and its fight against racism in this sector.

Beyond that, this term paper brings the academic trajectory of black women and racism impacts in their life too, just like in their experience on the job market.

There going to be approach theoretical studies and bibliographic research that analyze Brazilian tourism excluding reality.

Key-words: STRUCTURAL RACISM. BLACK WOMEN. tourism

## INTRODUÇÃO

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as pessoas negras representam 54% da população brasileira. Essa maioria numérica, porém, não se consuma no mercado de trabalho. Como afirmam dados do Instituto Ethos sobre as 500 empresas de maior faturamento do Brasil, 58% dos aprendizes e trainees são negros. Nos cargos de decisões o cenário é diferente, pois apenas 6,3% de profissionais negros ocupam cargos de gerência e 4,7% cargos executivos. O estudo comprovou o abismo que separa o mercado de trabalho e os profissionais negros. (PRUDENTE,2020)

Segundo o estudo “Diversidade no Contexto das Empresas Brasileiras”, feito pela consultoria 4CO, com 15 das 20 maiores empresas do país: “A gente descobriu que a diversidade está muito no discurso. Na prática, ela não se materializa no sentido de promover espaço para que grupos minorizados tenham acesso à organização e aos caminhos que a carreira pode oferecer. São raríssimas as empresas que apresentam um programa sólido de diversidade”, afirma o diretor da consultoria e coordenador do estudo, Bruno Carramenha, que enfatiza: “[...] O Brasil tem uma dívida histórica com a população negra e as organizações têm uma responsabilidade muito forte sobre essa reparação.” (CARRAMENHA, 2020). No turismo, essa realidade não é diferente, ressalta-se que o turismo é um setor que representa 8,1% do PIB brasileiro, emprega 2,9 milhões de pessoas o Controle Numérico Computadorizado (CNC) e é apontado como estratégico devido ao potencial de rápida geração de emprego e de renda, mas não há estudos que dimensionem a realidade da sua diversidade racial. Diante da ausência de dados e o silêncio do setor sobre o tema, seguimos sem conseguir mensurar o peso real do racismo estrutural nas dimensões do turismo, e isso se aplica também na formação de profissionais desta área. Onde estão os turismólogos negros? Não podemos mais fechar os olhos para o racismo estrutural que no turismo e na hotelaria se torna mais discrepante e, como podemos perceber isto? podemos refletir sobre a ausências de negros ocupando cargos de chefia isto tambem no ramo do turismo. Para início de

diálogo, ressaltamos que durante muito tempo a experiência turística não era pensada para negros, o lugar designado ao negro na sociedade brasileira estava associado ao trabalho, nunca ao lazer, assim esse universo, seja no âmbito das viagens turísticas, hotelarias, em cargos de chefia, eram espaços unicamente de brancos. Assim, com o surgimento dos cursos de formação para essa área, ela se consolidou durante muitos anos como uma ciência para brancos. Assim a pouca visibilidade de turismólogos negros, no mercado de trabalho, são o reflexo dos cursos de formação ainda vistos como cursos elitistas e excludentes. Porém, a falta de diversidade narrativa do turismo tradicional, somada ao desejo de abrir novos caminhos e contar novas histórias onde o negro estivesse contemplado como protagonista, fez surgir diversos movimentos dentro dos setores turísticos. Movimentos que visam inserir a cultura afro-brasileira como patrimônio a ser visitado, a exemplo da paulistana Beatriz Souza, que empreendeu no turismo em janeiro de 2019, quando fundou a Brafrika Viagem, agência de viagem Afrocentrada, que resgata o legado da população negra em destinos nacionais e internacionais. Assim como essa agência, muitos turismólogos negros rompem a tentativa de silenciamento e trazem nas suas reflexões e pesquisas a necessidade de se discutir racismo no âmbito do turismo. Assim, esse projeto visa refletir sobre a realidade afro-brasileira dentro do curso de turismo Universidade Federal Do Tocantins (UFT) trazendo como ponto de partida os silenciamentos das narrativas e memórias afrodescendentes, as dificuldades de permanência nos cursos, a formação sobre patrimônio afro-brasileiro e a falta de discussões sobre racismo estrutural e seus desdobramentos no âmbito do turismo.

No setor Turístico essa pauta vem sendo discutida a pouco tempo, mesmo sendo uma pauta tão importante para a inclusão no turismo. Pode-se afirmar que, em razão desse racismo estrutural, o afroturismo, assim como afirma Mauricio (2022);

faz frente ao tipo de turismo que visita e repete histórias de bens patrimoniais tombados que retratam os feitos e conquistas dos colonizadores europeus e seus descendentes, “esquecendo” de

legitimar os conhecimentos e culturas das pessoas negras como parte do processo histórico de constituição do país e seus atrativos.

O turismo tem um valor simbólico muito relevante para o país e é muito importante que as empresas e o trade turístico, e sobre tudo as universidades, participem da reflexão sobre o racismo do Brasil, buscando refletir sobre também a melhor maneira de atender a população negra e de como construir mais pluralidade dentro do setor e dos cursos de formação. Pretende-se, com essa pesquisa, dialogar com os conceitos de racismo estrutural, afroturismo, e formação em turismo; buscando responder os seguintes questionamentos: como o racismo estrutural afeta a permanência ou não de negros nos cursos de turismo? e, como o racismo afeta os viajantes negros e os profissionais afrodescendente da área ?

Por fim, meu interesse por esse tema perpassa por minha existência, enquanto negra e periférica, pois o turismo era algo que a priori parecia inalcançável para mim e para os meus. Assim, decidi entrar na universidade no curso de turismo para compreender o porque negro e turismo são narrativas e percursos que não se juntam. O espaço acadêmico em si nunca foi considerado lugar para não brancos, assim para pessoas negras como eu o desafio não é apenas adentrar uma universidade pública mais se manter nela. No caso do curso de turismo além do meio acadêmico, o meio profissional para quem escolhe esse curso também é um grande desafio, como apresentado estatisticamente no início de minha introdução.

Em suma como futura profissional negra no mercado de trabalho, busco ampliar meu olhar e pesquisas na tentativa de compreender a dimensão do racismo nesses espaços (academico, profissional e mercado turistico), para assim rassaltar como racismo estrutural afeta negros dentro do seguimento turistico em todas as esferas; como viajantes, acadêmicos e profissionais. As premissas desta afirmação são visíveis a exemplo da pouca representatividade de trabalhadores negros, e também pelo racismo que é vivenciado por estudantes, como eu, que saem de zonas periféricas e se aventuram em compor o seletto grupo de universitários do curso de turismo.

No segmento turístico, pode-se enxergar a carência e a falta de representatividade nas grandes empresas ou no âmbito acadêmico, com isso destinei o meu trabalho para pesquisar e compreender assim esse setor multidisciplinar que é o turismo. Quando entrei na Universidade Federal pude perceber a urgência dessa pesquisa direcionada ao “Racismo no turismo”, pois ao ter um contato maior, podemos ver quase nenhum negro nos espaços de grande poder. Com essa problemática eu destino minha pesquisa para descobrir onde estão os negros e por que não ocupam cargos altos e nem acadêmicos dentro do ramo turístico.

Minha hipótese é de que o Racismo estrutural junto de outros problemas sociais fazem parte da estrutura da nossa sociedade e esse sistema contribui para a invisibilidade do negro no âmbito do turismo pois delega a pessoas como nós apenas funções ligadas a subalternização. A sociedade brasileira nasceu como sociedade de exploração e os grupos antes explorados como negros e ameríndios hoje carregam as marcas deste período, a marginalização socio/histórica. Assim tendo como objetivo principal “Compreender a pouca visibilidade da cultura afro-brasileira dentro do curso de turismo”. Essa pesquisa busca: **Refletir sobre racismo estrutural no âmbito de trabalho turístico; Dialogar sobre a importância do patrimônio turístico afro-brasileiro para o desenvolvimento do saber turístico; Refletir sobre as formas de racismo vivenciadas no curso de turismo; Compreender e entender a falta de representatividade de negros dentro de Universidades Públicas e em menores cargos ou nenhum cargo turístico; Enxergar as formas de racismo encontrada pelo viajante negro; Identificar a importância do(a) negro(a) na formação da sociedade brasileira; Analisar criticamente as raízes do preconceito racial na Europa e no Brasil.** No intuito de responder essas reflexões a pesquisa se pautou metodologicamente na releitura bibliográfica, sobre o tema alinhado à escrivência da autora. Serão considerados o objetivo dessa pesquisa com revistas sobre turismo, anúncios, flair e documentários relacionados a presença de negros nesse contexto.

## 1. Raça e racismo na sociedade Brasileira

Neste tópico abordarei os conceitos basilares de minha pesquisa: o que é racismo, o que é raça, etnia e como se deu a construção do racismo no Brasil. Em suma neste capítulo apresentaremos como o conceito de raça, apoiado na dimensão capitalista, tem servido para direcionar a condição social da população negra e como ela tem estruturado a vida das pessoas, mediando seus acessos e oportunidades.

### 1.1. O Brasil os Brasis

O Brasil como se conhece nasceu da ‘descoberta’ por exploradores europeus profundamente imbuídos em expandir seus impérios e levar a fé cristã seguida do culto católico por terras ‘virgens’ e ‘incultas’. Para a colônia brasileira, antes chamada de Terra de Santa Cruz, vieram missionários e exploradores portugueses que trouxeram com eles seus elementos culturais. Novos costumes, valores, hábitos, deveres e obrigações foram sendo impostos e estabelecidos na colônia luso- americana.

De acordo com Ribeiro (1996 apud Moura, 1989, apud SIMONI,2021.), da segunda metade do século XVI à primeira metade do século XIX, milhares de homens e mulheres foram trazidos da África para o Brasil, reunindo diferentes etnias, contrastantes estágios culturais e diferenciados sistemas sociais, econômicos, políticos e religiosos. O tráfico de africanos durou, oficialmente, três séculos e clandestinamente, mais de meio século. Por isso é difícil avaliar o número total de escravos trazidos para as Américas. As estimativas variam enormemente: a Enciclopédia Católica fala de doze milhões, outras fontes referem-se a cinquenta milhões (VERGER, 1968, apud SIMONI, 2021). Alguns pesquisadores costumam considerar que o comércio escravista está dividido em quatro grandes ciclos: Ciclo da Guiné, durante a segunda metade do século XVI; Ciclo de Angola-Congo, durante todo o século XVII; Ciclo da Costa Mina até a segunda metade do século XVIII e, finalmente, Ciclo de Benin, que incluiu a vinda dos nagôs (iorubás) e dos jêjes (fon e mina), últimos a se estabelecerem no Brasil, em fins do

século XVIII e início do XIX. Ressalta-se que este ciclo inclui o tráfico clandestino (Ribeiro, 1996, apud Barros, 1993).

Por sua vez, Artur Ramos, citado por Bastide (1978), citado em Ribeiro (1996) apresenta o seguinte quadro de civilizações trazidas para a América Portuguesa:

1. Civilizações sudanesas, especialmente representadas pelos iorubás, ewe, fon, fanti-axanti (chamados mina), krumanus, agni, zema e timini.
2. Civilizações islamizadas, especialmente representadas pelos peuls, mandingas, haussa, tapa, bornu, gurunsi.
3. Civilizações bantos do grupo angola-congolês, representadas pelos ambundas (cassangues, bangalas, dembos) de Angola, congos ou cambindas do Zaire e os benguela.
4. Civilizações bantos da Contra-Costa representadas pelos moçambiques, macuas e angicos (BASTIDE, 1978, p.67 apud RIBEIRO 1996, p. 117).

A cultura sudanesa destacou-se no nordeste do Brasil de forma mais evidente nas cidades de Salvador, Bahia, Recife, Pernambuco e São Luiz, do Maranhão. Por sua vez, as culturas Bantu aparecem com mais evidência no Vale do Paraíba. No período do café e da mineração o escravismo assumiu diferentes aspectos no decorrer dos anos, segundo o historiador Salvador (1981, apud SIMONI, 2021). Durante os séculos os africanos e seus descendentes foram explorados com mão de obra a eles foi designado o papel de servir, cabia a eles a exploração das riquezas naturais, as manufaturas e toda forma de trabalho braçal. Não eram vistos nem reconhecidos como seres humanos apenas como instrumento de trabalho. Depois de quase quatro séculos e diante de várias revoltas a Lei Áurea foi assinada lei que abolia a escravização negra, deixando assim milhares de descendentes de africanos à margem de uma sociedade que seguiu marginalizando explorando a mão de obra negra. Dessa relação estabelecida no período das expansões europeias seguem sendo ressignificado pelo que ainda se veem como exploradores e articulam para se manter no poder, a esse respeito autores como Quijano (2005) afirma:

A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da Modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. Aníbal Quijano (2005, p. 228)

Segundo o autor a ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. Assim a formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras.

## 1.2 DOS CONCEITOS DE RAÇA E RACISMO ( histórico e Político)

De acordo com Munanga ( 1999) etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné, conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes diferentes, classificação hoje inteiramente abandonada MUNANGA(1999).

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que

têm um ancestral comum e que possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Entre os séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se considerava como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideraram dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classe MUNANGA(1999).

A ideia de raça estrutura e divide a sociedade brasileira entre brancos e negros, ao passo que, para além de estabelecer diferenciação quanto à cor da pele, estabelece e hierarquiza posições, o que abre precedente para o racismo, e expõe a população negra brasileira a um ciclo cumulativo de desvantagens. Para Gonzalez e Segundo Stuart Hall, raça é uma “construção discursiva, um conceito classificatório importante na produção da diferença, um significante flutuante, deslizante, que significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares, não podendo dizer que o processo de identidade do brasileiro é igual ao de qualquer outro lugar no mundo, considerando que sua expressão no Brasil teve suas particularidades e significâncias (Hall in Zubaran, 2016) Partindo desta reflexão compreendemos então que a classificação de raça é mais uma das formas de segmentar, apontar diferenças, desumanizar determinados grupos e a partir disso encontrar justificativas para subjugação dos mesmos. A suposta diferença entre negros e brancos criada, secularmente alimentada mediante ideologia e práticas que justificassem a inferioridade e ou superioridade de

uns sobre outros, onde os supostamente inferiores estariam imersos no sistema para servir, alimentando e retroalimentando o seu funcionamento, o que por sua vez demarcaria lugares e posições sócio econômicas, as quais a população preta e pobre poderia alcançar, e desaguando diariamente no racismo e na sustentação das diferenças GONZALES (1984)

O debate acerca da categoria raça é contemporâneo, e este vem ao longo do tempo sendo questionada por estudiosos, assim como por integrantes do Movimento Negro. A discussão se assenta sobre a compreensão de que esta categoria, ou a nomeação dela deste modo, estaria a serviço de demarcar a diferença, categorizar, diferenciar e excluir, sendo ainda um feito do colonizador, podendo então pensarmos esta categoria a partir de duas dimensões: biológica e política. Essa dimensão conceitual que porta a ideia de inferioridade do povo negro é pautada num ponto de vista biológico cientificista, que por muito tempo se apoiou na biologia, mostrando-se falaciosa, bem como a serviço de traçar e justificar diferenças e desigualdades. Concordamos com Suely Carneiro quando assumimos nos apoiar e manter a categoria raça do ponto de vista político, pois tal escolha incide em pontuar a existência das desigualdades sociais e econômicas existentes, fomentadas a partir da vigência da ideia de superioridade contida no próprio conceito, situar e apontar a existência da produção e reprodução dessas desigualdades (Carneiro, 2011 p.69). Para além da dimensão política do termo raça que aqui consideramos, salientamos que as ciências humanas dentre elas a antropologia e história tem se apoiado no conceito de etnia ou etnicidade, que de acordo com Marinho (2017); SIMONI( 2017,2010,2021) Tibúrcio, Valente, (2007 p.510), as ciências sociais a partir dos estudos de Barth,rompem com a perspectiva de perceber “grupos humanos diferentes a partir de uma história e cultura própria, permitindo a diferenciação social e política dos grupos étnicos que estabelecem entre si relações de natureza diversas e trazem sua próprias filosofias e cosmogonias”.

Fanon, (1952) discutiu o conceito de raça em seu livro "Pele Negra, Máscaras Brancas".Nele o autor argumentou que a ideia de raça é essencialmente uma criação social que é usada para justificar a opressão

dos negros. Fanon enfatizou que a raça não é uma característica biológica, mas sim uma construção social que foi imposta aos negros pelo colonialismo e pelo racismo.

De acordo com Munanga, o conceito de racismo foi criado em 1920, ele explica que o racismo enquanto conceito já foi objeto de diversas leituras e interpretações, por esse motivo o autor acredita que ainda não foi atribuído os mesmo significados, e por isso ainda não entrou em concordância para achar uma solução para o fim do racismo. Para Munanga, racismo é quando um grupo age com preconceito sobre determinado grupo por sua raça, cor, cultura ou religião, excluindo totalmente esse grupo da sociedade, observamos isso quando ele diz que “Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. “MUNANGA.(2003.p.8)

Quando falamos de racismo estamos falando de um sistema racista, com mecanismo constitucional e institucional. Esse sistema está sempre em mudança, como diz a autora Ribeiro em "O sistema racista está em constante processo de atualização e, portanto, deve-se entender seu funcionamento" (2019.p.9) . Com essa fala podemos entender que o racismo acontece no Brasil de uma forma totalmente diferente de outros países como no Estados Unidos (EUA) que foram feitos inúmeras ações e atos racistas de forma explícita, ou na África do Sul que criou o apartheid. O Brasil criou um sistema totalmente diferente onde o racismo é negado de forma que perpassa uma visão anti racista, porém na realidade o sistema brasileiro é opressor e favorece determinado grupo, enquanto outros são minorizados. A população não enxerga o racismo estrutural enraizado no Brasil, e podemos entender que não são culpados disso já que todas a estrutura é racista e com isso automaticamente são influenciados a ter alguns tipos de pensamentos, na fala de RIBEIRO (2019.p.21)

O racismo não é algo pontual, mas sim uma rede complexa de relações que afetam a vida de um grupo social, onde esse grupo minorizado sofre opressão desde de sua chegada até sua partida, sendo impostas muitas desigualdade para impedir o processo e tornar cada dia pior a vida.

Podemos enxergar a cultura do silêncio como um mecanismo que impede as pessoas de captar o racismo ou de reconhecer a sua existência. Mecanismo, usado no Brasil para manter o racismo sempre em nossa realidade, quando uma situação não é vista, ela não é consertada e é isso que torna o Brasil diferente de outros países, um país que não assume ser racista impossibilitando a população de assumir atos anti racistas. Então podemos entender que a cultura do silêncio é uma forma de perpetuar o racismo tornando como meio para adquirir mais poder enquanto outro grupo é inferiorizado. É importante romper com essa dinâmica para que se possa avançar na luta contra o preconceito. RIBEIRO (2019)

Eis uma breve genealogia do racismo segundo alguns estudiosos citados no decorrer deste tópico, em nível das Américas com foco no Brasil, mesmo sendo, combatido pela legislação, algumas faces do racismo persistem de formas ocultas acobertadas pelo próprio "Direito". Isso ocorre porque o Direito costuma combater as formas mais explícitas e deixa outras formas sob o manto da normalidade, sem que se faça a sua nomeação, mantendo o seu aspecto de naturalidade e inquestionabilidade, o "crime" perfeito não se combate o que não existe. O resultado deste sistema é visível nas estéticas na invisibilidades de pessoas negras, no feminicídio, na segregação espacial vivida pelos afrodescendentes, no extermínio da população negra baixos salários e no registro de poucos alunos negros nas universidades federais e nos cursos de turismo não é diferente e mais visível pois para o negro cabe o trabalho e o turismo está ligado ao lazer; seguiremos refletindo no próximo tópico agora sobre o impacto deste sistema na trajetória dos afrodescendentes com ênfase nas mulheres negras.

### 1.3 O impacto do racismo na trajetória acadêmica de mulheres negras e no mercado de trabalho

O racismo é um problema social e histórico presente em diversas instâncias da sociedade, inclusive na educação. A exclusão de pessoas negras ou de outras minorias étnicas em lugares periféricos é uma das evidências do

racismo estrutural em nosso país, que se reflete na trajetória acadêmica dessas pessoas. Essa exclusão pode ser observada em diversas etapas da trajetória educacional, desde a infância até a vida adulta. Estudos indicam que as escolas públicas localizadas em bairros periféricos, onde predominam famílias negras e de outras minorias étnicas, oferecem uma educação de qualidade inferior àquela oferecida em escolas em bairros mais ricos.(ALMEIDA. 2019. p.18-100 )

A falta de acesso à educação de qualidade afeta diretamente a trajetória acadêmica das pessoas negras e de outras minorias, que são impedidas de terem as mesmas oportunidades e acesso ao ensino superior quando comparadas a estudantes brancos de classe média ou alta. A falta de recursos financeiros para pagar cursos pré-vestibulares e preparatórios para concursos, além da falta de acesso a bibliotecas e outras formas de apoio acadêmico, são apenas alguns dos exemplos concretos dessa realidade. Além disso, o racismo e preconceito institucionalizado também têm influência na trajetória acadêmica das pessoas negras. Mesmo após ingressarem em universidades e centros de pesquisa, esses estudantes podem sofrer com a falta de inclusão social e acadêmica, falta de igualdade de gênero e racial, entre outros. O impacto do racismo na trajetória acadêmica é profundo e de longo alcance, afetando negativamente tanto a vida profissional como a vida pessoal dessas pessoas. Já sabemos que o racismo faz parte de um sistema estrutural e institucional. Porém não sabemos como ele funciona dentro das instituições, e o que isso afeta na formação de jovens negros. (PASSOS. 2012. p.138-154)

O racismo, em linhas gerais, é um dos pilares que sustentam a sociedade capitalista. Isso faz com que sua lógica, dentro da relação entre capital e trabalho, seja tomada como algo normalizado, resultando na naturalização das práticas racistas (Ângelo. Arruda. 2023 apud. Souza, 2022).

Isso quer dizer que dentro das instituições é favorável perpetuar o racismo, a falta de inclusão e a desigualdade racial. "No racismo, a negação é usada

para manter e legitimar estruturas violentas e de exclusão racial" (KILOMBA. 2019.p.34). O racismo pode ter um impacto significativo na trajetória acadêmica de indivíduos pertencentes a grupos inferiorizados. Infelizmente, muitas vezes, esses indivíduos enfrentam barreiras estruturais e sistêmicas que dificultam seu acesso à educação e limita suas oportunidades de sucesso acadêmico, desenvolvendo barreiras desde o desenvolvimento básico até a trajetória acadêmica. Alguns impactos que o racismo pode causar na trajetória acadêmica incluem: Acesso limitado à educação básica, preconceito, discriminação, falta de estrutura econômica, estereótipos, e a falta de representatividade. Essa dificuldade de acessar direitos básicos como os citados acima evidencia que o sistema automaticamente prioriza grupos de elitizados, tornando muito difícil o acesso e permanência de grupos marginalizados ao nível superior, a exemplo dos negros e indígenas. Neste contexto, a reflexão sobre os impactos do racismo sobre a população negra nos leva à intersecção raça, classe e gênero<sup>1</sup>. Iniciamos essa reflexão pensando no espaço acadêmico enquanto espaço de democratização assim como reflete MIRANDA( 2018) ao afirmar que

As clivagens de raça e gênero ainda se constituem um fator de desigualdades, no direito a participação e no acesso aos nossos espaços de produção do conhecimento e saberes. São operações de raça e gênero que ainda prejudicam a qualidade inclusive da produção de conhecimento na área de ensino, pesquisa e extensão. Penso que a pluralidades dos desafios, temas e debates, podem qualificar o que fazemos no ambiente acadêmico. A universidade precisa ajudar a sociedade a transformar seus padrões de desigualdade, visto que são temas que tem a ver diretamente com a função de democratização dos espaços, uma das funções da universidade ( MIRANDA.2018)

A trajetória acadêmica de mulheres negras é vislumbrada por algumas pesquisadoras do tema como um percurso solitário. Nesse contexto, para mencionar sobre esse assunto, precisamos começar pela base nesse caso,

---

<sup>1</sup> A intersecção de raça, gênero e classe social condicionam estruturalmente determinados grupos, em especial as mulheres negras, a produção e reprodução de desigualdades sociais no Brasil. Essa segregação se revela de diferentes formas nas relações sociais, culturais e políticas no país (COLLINIS 1990, apud SIMONI 2021).

a estrutura educacional. É importante observarmos a realidade de uma criança branca e a não branca na trajetória escolar, as representatividade em sala de aula, Podemos observar através da fala de (LIMA.2019)

A intersecção de raça-classe-gênero se faz presente em todas as vivências, já que se trata de uma opressão estrutural, mas são as crianças negras que experimentam diretamente o sofrimento e as fragilidades causadas pelo racismo no ambiente escolar (LIMA. 2019. p.44)

Através do capitalismo o racismo se transformou em uma estrutura minuciosa como a autora menciona, crianças negras precisam lidar muito cedo com várias formas de opressão, algumas evidenciadas a partir da pesquisa da autora nesse trecho ela evidencia as relações dentro da sala de aula.

As crianças negras passam por um processo de exclusão simbólica, ou seja, apesar de sua entrada na escola ser permitida, através da matrícula e do acesso à sala de aula, elas não se sentem aceitas por colegas e professores que, não raras vezes, demonstram preconceito por meio de insultos baseados em suas características fenotípicas. (LIMA.2019.p.45 apud França, 2017, p. 154).

Ao decorrer da jornada acadêmica de um jovem ou uma jovem negra, o racismo e as opressões só se intensificam dentro das instituições, afetando gravemente estudantes não brancos, fazendo com que os mesmos criem formas de lidar com a opressão, algumas dessas formas levam a desistência da educação, como diz LIMA.

Diante da falta de representatividade no ambiente escolar e das violências racistas propagadas em comentários negativos sobre sua estética, meninas e meninos negros criam estratégias de sobrevivência, seja negando sua negritude (sendo a moreninha), seja assumindo o papel de quietinha ou de briguenta. Em alguns casos, evadindo-se da escola. (LIMA.2019.p.45)

Quando uma menina negra aprende que seu direito à educação e sua garantia de inserção no ambiente escolar são frutos da luta de suas ancestrais feministas, ocorre um despertar poderoso e transformador. É um momento em que ela compreende que sua presença nas salas de aula e nos espaços educacionais é resultado de uma história de resistência e superação.

Quando uma menina negra aprende que seu direito à educação e sua garantia de inserção no ambiente escolar são frutos da luta de suas ancestrais, ela aprende a ter um olhar positivo sobre ser menina negra. Porém, quando essa mesma menina adentra o ambiente escolar e se depara com uma estrutura racista que a machuca e diminui, o resultado é um olhar negativo sobre si, fragilização de sua autoestima e impacto direto em seu desempenho escolar (LIMA.2019, p.45)

Ao longo dos séculos, muitas mulheres negras enfrentam inúmeras barreiras e opressões em busca de justiça e igualdade. Elas lutaram contra a escravização, a exclusão e a discriminação racial, sempre buscando a liberdade e a dignidade para si e para as futuras gerações. Essas lutas fizeram com que essas mulheres se organizassem em coletivos/movimentos e buscassem ressignificar conceitos na luta por espaços de vocalização. O feminismo tem sido enquadrado enquanto movimento social desde sua emergência, a partir das experiências europeias e norte-americanas, pela luta dos direitos civis, a partir da década de 1960. A primeira onda do feminismo, conhecido como sufragista, no fim do século XIX, também foi um movimento conhecido como sendo uma demanda das mulheres brancas, embora nos Estados Unidos Sojourner Truth, uma mulher negra, ex-escravizada que proferiu um discurso (conhecido como "Ain't I a Woman?" Não sou eu uma mulher?) abolicionista e a favor dos direitos das mulheres em uma convenção em Akron, Ohio, em 1851, tenha tido uma

passagem marcante, mas que também foi/é ocultada pela História Oficial. Assim, vemos que as análises sobre as ações coletivas de mulheres, conhecida como feminismo, se pautaram em uma herança norte centrada construída sob uma base discriminatória, que constroem não apenas hegemonias, mas silenciamentos e apagamentos das mulheres não brancas (SIMONI&MARINHO2021).<sup>2</sup>

Essas mulheres, muitas vezes invisibilizadas pela história oficial, desenvolveram estratégias de resistência, valorizando a importância da educação como um instrumento de transformação social. Elas sabiam que o conhecimento era uma ferramenta poderosa para desafiar as estruturas opressivas e construir um futuro mais justo.(LIMA.2019)

Com isso podemos ver que a trajetória acadêmica para mulheres negras é excludente e ao decorrer desse percurso, existe um filtro que acaba privilegiando certos grupos e as oportunidades. E em determinado alcance o filtro é totalmente branco, excluindo e tornando impossível a permanência de mulheres negras nesses espaços e principalmente nas discussões. LIMA afirma que:

Muitas mulheres negras brasileiras, sobretudo as de origem periférica, que chegam à pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado) enfrentaram em seu percurso de estudos obstáculos racistas, machistas, classistas, entre outras opressões que foram inscrevendo em sua subjetividade e, em alguns momentos, em seus corpos, ranhuras que precisam ser consideradas. (LIMA. 2019. p.47)

A jornada acadêmica é um espaço limitado para mulheres negras, assim como descreve LIMA (2019. p.47) [...] "as mulheres negras periféricas

---

<sup>2</sup> o feminismo negro é fruto de reflexões que acreditam que o movimento feminista, nascido na década de 1960/70, mesmo com todas as suas nuances, não conseguia contemplar as necessidades, a indagação e o protagonismo das mulheres negras na construção histórica do Brasil. Assim, intelectuais negras, a exemplo de Angela Davis, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, abriram discussões e teorias que denunciavam a condição da mulher negra nesse processo, e deixavam clara a necessidade de um recorte étnico para que a mulher negra fosse considerada enquanto sujeito histórico (SIMONI&MARINHO 2021)

acadêmicas buscam, em suas trajetórias como pesquisadoras, produzir conhecimentos, refletir sobre seu lugar de origem e tecer reflexões sobre possíveis destinos". Porém ao adentrar mais esses espaços a falta de responsabilidade é explícita tornando impossível suportar a estrutura racista, como diz LIMA "No entanto, quando olham ao redor, pouco se veem, e percebem que, ao longo desse trajeto, muitas mulheres negras periféricas ficaram pelo caminho." muitas mulheres ficam pelo caminho.

Porém, pesquisas apontam que as mulheres vem ganhando espaços para muitas discussões. Destacamos aqui um artigo em especial porque o mesmo abordar e refletir sobre o tema de nossa pesquisa mulheres negras no campo do turismo; esse artigo publicado em 2021 por Santos tem como título "A mulher negra viajante: experiência e estratégias de combate à invisibilidade no turismo" nesse texto o autor discute sobre o espaço da mulher na trade turística, porém o principal objetivo é registrar a presença de mulheres negras viajantes no turismo como um movimento de combate ao racismo, é importante mencionar sobre relevância do assunto, pois a falta de representatividade nos espaços são grandes, levando a invisibilidade de mulheres negras viajantes. É importante falar como isso afeta o imaginário da sociedade e cria um perfil ao turista, o autor finaliza argumentando que esse movimento é importante para a desmistificação da imagem imposta do turista branco como único/ maior consumidor. (Santos,2021).

## 2. O Turismo e o Turista no Brasil e as relações de Gênero e Raça

O turismo vem se tornando nos últimos tempos um dos setores que mais trazem economia para o Brasil, ocupando no ano de 2021 o lugar de 11º como maior no setor turístico, no site do ministério do turismo eles afirmam que "segundo o relatório, o Brasil também registrou a maior demanda de viagens internas no mesmo ano entre os países pesquisados. Aproximadamente US \$103,5 bilhões - 6,4% do PIB mundial do Turismo em 2021 – foram resultantes do território brasileiro." Podemos ver que o turismo no Brasil está se desenvolvendo muito rápido, promovendo atrações

culturais e naturais pelo país inteiro, através da biodiversidade imensa de flora e fauna que o país possui, o turismo vem proporcionando aos visitantes excelentes experiências. (Ministério do Turismo. OMT)

É verdade que o turismo tem desempenhado um papel significativo na economia brasileira, tornando-se um dos setores mais importantes em termos de geração de receita e empregos. O Brasil tem um vasto potencial turístico, com uma rica diversidade cultural e natural, que atrai visitantes de todo o mundo. As atrações turísticas no Brasil vão desde praias paradisíacas, como as famosas praias do Rio de Janeiro e de Florianópolis, até destinos de ecoturismo, como a Amazônia e a Chapada dos Veadeiros. Além disso, cidades históricas, como Ouro Preto e Salvador, oferecem aos turistas uma visão fascinante da história e da cultura brasileira. A diversidade cultural do país também é um atrativo para os turistas. O Brasil é conhecido por sua música vibrante, danças tradicionais, festivais coloridos e culinária deliciosa. Esses elementos culturais únicos proporcionam experiências enriquecedoras aos visitantes, permitindo-lhes mergulhar na riqueza cultural brasileira. No entanto, é importante mencionar que o turismo no Brasil também enfrenta desafios. Outro ponto relevante é a necessidade de uma abordagem sustentável no desenvolvimento do turismo. É fundamental garantir que as atividades turísticas sejam conduzidas de forma responsável, preservando o meio ambiente e respeitando as comunidades locais. O turismo sustentável contribui para a conservação da biodiversidade e para o desenvolvimento socioeconômico das regiões turísticas.

Podemos analisar também que os dados do OMT (Ministério do Turismo) em época de Pandemia COVID-19, e mesmo em época pandêmica o turismo estava com índice alto de demanda, porém essa mesma época milhares de brasileiros estavam morrendo de COVID-19 o que nos leva a pensar que alguns grupos eram favorecidos, enquanto outros morriam pela Pandemia. Através dessa análise podemos desenvolver uma linha de raciocínio referente a desigualdade racial no Brasil. Com a matéria escrita pela Evangelista (2020) podemos observar isso.

No primeiro, ficou demonstrado que, enquanto 55% de negros morreram por covid, a proporção entre brancos foi de 38%. Na segunda pesquisa, o

Instituto Polis mostrou que a taxa de óbitos por covid-19 entre negros na capital paulista foi de 172/100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115 óbitos/100 mil habitantes (Evangelista, 2020). Com os dados que a Evangelista mostra podemos observar que o maior grupo afetado na pandemia foi os negros, e ela diz que [...] "Se, por um lado, os dados mostram que a população negra é a que mais sofre com a pandemia, por outro, evidenciam a ausência de uma ação governamental eficaz, avalia Santos." (Evangelista, 2020). Mesmo com grupos vulneráveis o governo negligenciou e continuou propagando a falta de importância para a Pandemia, o que acalentou a um genocídio aos grupos mais vulneráveis, que precisavam ganhar seu dinheiro como diz Evangelista [...] "No Brasil, a primeira vítima fatal da doença foi Cleonice Gonçalves, de 63 anos. Ela contraiu o vírus de sua patroa, que voltava da Itália para o Rio de Janeiro. Gonçalves era mulher, negra, hipertensa, diabética e empregada doméstica. Mesmo com a Pandemia podemos ver o relato da mulher branca voltando de viagem e sua empregada doméstica, uma mulher negra e já idosa, uma pessoa do grupo de risco na COVID-19 sendo a primeira vítima a morrer. Sua chefe não teve em nenhum momento empatia ou cuidados, o que ocasionou na contaminação da COVID-19. Embora os dados do Ministério do Turismo mostram um alto índice de demanda turística mesmo em um momento de crise sanitária, é importante observar que a pandemia afetou de forma desproporcional diferentes grupos sociais, incluindo aqueles que são historicamente inferiorizados, como as pessoas negras. A pandemia da COVID-19 exacerbou as desigualdades existentes na sociedade, incluindo as desigualdades raciais. Dados e pesquisas mostram que as pessoas negras no Brasil foram mais afetadas pela pandemia, enfrentando maior taxa de infecção, hospitalização e mortalidade em comparação com outros grupos étnicos. Essa disparidade está ligada a uma série de fatores, incluindo a desigualdade socioeconômica, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e o racismo estrutural que permeia o sistema de saúde. No contexto específico do turismo, é possível argumentar que a alta demanda durante a pandemia pode refletir uma dinâmica na qual determinados grupos, muitas vezes privilegiados em termos de acesso a

recursos e oportunidades, têm maior capacidade de viajar e desfrutar do turismo mesmo em tempos de crise. Enquanto isso, outros grupos, como pessoas negras e comunidades marginalizadas, podem enfrentar maiores restrições econômicas, dificuldades de acesso e riscos aumentados à saúde. A análise proposta pela matéria escrita por Evangelista pode ajudar a lançar luz sobre essas questões e aprofundar a compreensão da interseção entre desigualdade racial e turismo. Ela pode ressaltar a importância de abordar as desigualdades estruturais existentes na sociedade brasileira, inclusive no setor do turismo, e buscar soluções que promovam a equidade, a justiça social e a inclusão. É fundamental que políticas públicas e iniciativas privadas considerem a dimensão racial ao planejar o desenvolvimento e a promoção do turismo, visando a redução das desigualdades e o empoderamento das comunidades marginalizadas. Isso envolve a criação de oportunidades de trabalho e empreendedorismo para pessoas negras, o fortalecimento da representatividade e a valorização da diversidade cultural nas atrações turísticas, além do combate ao racismo e à discriminação nos espaços turísticos. Ao abordar a desigualdade racial no contexto do turismo, é possível trabalhar em direção a um setor mais inclusivo, que respeite e valorize a diversidade, promovendo uma distribuição mais equitativa dos benefícios do turismo e garantindo que ninguém seja deixado para trás. (Evangelista, 2020)

No contexto do turismo no Brasil, é importante reconhecer que certos grupos sociais podem ter prioridade ou privilégios em relação a outros. Essa dinâmica está muitas vezes relacionada a questões socioeconômicas e estruturais que permeiam a sociedade brasileira. Historicamente, o turismo no Brasil foi direcionado e promovido para atender às demandas de determinados grupos sociais, geralmente aqueles com maior poder aquisitivo e acesso a recursos. Isso pode resultar em uma concentração de investimentos e infraestrutura turística em áreas privilegiadas, enquanto outras regiões e comunidades são deixadas de lado. Além disso, há também questões de representatividade e inclusão no setor do turismo. Grupos sociais marginalizados, como pessoas negras, indígenas, LGBTQ+ e pessoas com deficiência, podem enfrentar desafios adicionais para acessar

e desfrutar do turismo. Isso pode ser devido a barreiras econômicas, falta de representatividade em produtos turísticos e serviços, discriminação e preconceito. No entanto, é importante ressaltar que nos últimos anos tem havido um movimento crescente para promover o turismo inclusivo e diversificado no Brasil.

Em suma podemos afirmar que o turismo se desenvolveu ao decorrer do tempo através da diversidade natural e cultural do mundo. Com isso, hoje o turismo trabalha com uma dimensão de áreas multidisciplinares e além disso, também trabalha com a realização de sonhos e desejos. Isso mostra que o Turismo é de extrema importância para a sociedade pois trabalha diretamente com o social, estudando e fazendo parte de grandes acontecimentos sociais. Um exemplo disso é um estudo que possibilitou o acesso a informações sobre mulheres viajantes a autora (Santos.2021) menciona que "As mulheres começaram a marcar um novo perfil de viajantes" com isso ela quer dizer sobre os espaços que mulheres vêm ganhando com o tempo, principalmente por estarem vivendo mais, terem menos filhos e conseguir alcançar a independência financeira. É bom ressaltar as dificuldades que mulheres encontram em se inserir em determinados locais, sobre essa reflexão transcrevemos um trecho de Santos.

apesar de o comportamento da mulher ainda gerar olhares preconceituosos e reações negativas por parte da sociedade machista, as mulheres têm enfrentado as opressões sofridas e ocupado os espaços que lhes pertencem por direito. (SANTOS. SÁ. 2021)

E isso não é diferente no âmbito da academia e do turismo, assim essa afirmação nos leva a refletir sobre quem são essas mulheres, considerando que estatísticas apontam que as mulheres negras se encontram em situação de vulnerabilidade econômica, por efeito do racismo estrutural elas possuem os menores salários residem em sua maioria em zonas periféricas, vivendo em muitos casos com menos do básico como demonstram as pesquisas de SANTOS.

A partir do exposto, questiona-se sobre quem são essas mulheres que passaram a ter liberdade e ocupam esses espaços de viajante, visto que as mulheres negras estão na base da pirâmide social, com os menores salários e as maiores taxas de ocupações precárias e desemprego de toda a população (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2019).

Não seriam elas, portanto, essas mulheres reconhecidas e donas desses espaços. (SANTOS. SÁ. 2021.p. 254)

Porém houve um aumento considerável entre as mulheres viajantes tendo uma parcela grande de mulheres negras, assim como sua presença em espaços políticos e acadêmicos isso se deve a articulações e ao movimento de mulheres negras que tem crescido razoavelmente. O que devemos considerar dos estudos e apontamentos de SANTOS é que "O racismo é estrutural e estruturante, por isso gera impactos sociais, culturais, político e econômicos que não podem ser ignorados mais combatido Portanto, na atividade turística não é diferente. Ainda segundo a autora, no contexto específico das atividade turísticas, o racismo estrutural desempenha um papel significativo. Ele afeta desde a forma como as pessoas são recebidas e tratadas nos destinos turísticos até às oportunidades econômicas disponíveis para grupos raciais minoritários no setor turístico, assim como na falta de oportunidade de trabalho para profissionais do turismo negros e negras.

Essas desigualdades de gênero e racismo na atividade turística não apenas afetam diretamente os indivíduos e comunidades tradicionais ou periféricas, mas também têm um impacto mais amplo na sociedade. Elas perpetuam a exclusão social, aprofundam as divisões e contribuem para a reprodução do racismo estrutural em outros setores. Essas questões são observadas tanto no que se refere ao papel da mulher como turista, quanto em relação ao seu papel como profissional do setor. Assim, identificamos como essencial pensar a inserção, de um modo geral, da mulher no contexto da atividade turística. Porque consideramos que ao abordar o tema do turismo, é crucial analisar a realidade a partir de uma perspectiva de gênero. Não basta apenas incluir as mulheres na atividade turística, é necessário compreender

a complexidade estrutural que as coloca em desvantagem em relação aos homens (SANTOS. SÁ. 2021. p. 254-258)

No contexto do turismo, devemos compreender a complexidade estrutural é fundamental para criar um ambiente inclusivo e igualitário na atividade turística e na execução da função enquanto turismólogo sempre pensando a partir das intercessões raça classe e Gênero; (SANTOS. SÁ. 2021. p. 254-258)

Essas questões são observadas tanto no que se refere ao papel da mulher como turista, quanto em relação ao seu papel como profissional do setor. Assim, identificou-se como essencial pensar a inserção, de um modo geral, da mulher no contexto da atividade turística. (SANTOS. SÁ. 2021. p. 256)

As mulheres negras carregam uma história de opressão e exclusão que remonta à época da escravização, na qual seus direitos fundamentais e sua humanidade foram negados, e isso não é diferente em nenhuma área que a mulher negra atue nesse sentido a consciência histórica e o engajamento social se fazem como instrumento de proteção das mesma que se fortalecem e se constroem nas coletividade, turismólogos ou mulheres viajantes. Com relação as viagens e roteiros turísticos vale ressaltar a pouca visibilidade de roteiros que envolvam comunidades tradicionais a exemplo de quilombolas está invisibilidade se estende ao pouco conhecimento acerca dos patrimônios afro brasileiros; mais uma vez por reflexo do racismo estrutural, para se reconhecer a importância histórica dos mesmo é preciso conhecer a suas histórias e a riqueza cultural que as mesmas resguardam e o que isso tem em comum com nosso tema? a relação gênero e raça e o turismo etnico cultural.

3. A Importância dos patrimônios Afro-brasileiros para o desenvolvimento do saber no Brasil

Iniciamos esse tópico com uma breve introdução sobre o conceito de patrimônio cultural. O sentido da palavra patrimônio cultural vivenciado pelo grupo alude à noção histórica da palavra descrita por Funari (2007, apud SIMONI,2017) como uma herança familiar, na medida em que nasceu de uma tradição de família, transmitida ritualisticamente de geração em geração, se tornando um patrimônio coletivo, pois representa a perpetuação da memória religiosa do seu fundador, acrescida do fato de representar um período importante da história nacional, a escravatura. Patrimônios como a Congada são legalmente respaldados pela Constituição de 1937 e também pelo artigo 216 da Constituição de 1988, que contemplou uma concepção mais abrangente de patrimônio, garantindo, assim, a proteção aos bens indígenas e afro-brasileiros, abrindo espaços para efetivar, por meio do Decreto de 3.551, de 04 de agosto de 2000, a delegação da parcela de responsabilidade ao Estado no acautelamento desses bens imateriais, que transcrevemos parte abaixo, categoria na qual se enquadra as Congada, os festejos os saberes fazeres e dizeres, dentre outras manifestações reconhecidos como patrimônio imaterial.

De acordo com o decreto de lei nº 25, de 30 de novembro de 1937: Constitui-se o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação a fatos da história do Brasil, por seu valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico; dividido em Material ou edificado; Patrimônio Natural; Patrimônio Imaterial: saberes, fazeres e viveres. (SIMONI,2017).

Já o artigo 216 da Constituição de 1988 se origina do conceito de patrimônio cultural segundo a Unesco:

Patrimônio cultural imaterial: as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos

reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade (LIMA FILHO, 2009, p. 129).

Em se tratando do Patrimônio Afro-brasileiro o mesmo passou a ser reconhecido como categoria através da luta do movimento negro organizado, o primeiro patrimônio afro-brasileiro a ser tombado isso em 1984 foi o Terreiro da Casa Branca, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, na Bahia. O tombamento do terreiro representou uma quebra de paradigma, pois por anos a política que orientou o IPHAN foi a valorização de aspectos culturais relacionados a cultura branca (VELHO, 2006; GURAN, apud 2017). Através desse registro podemos notar o atraso de tombamentos de espaços como terreiros religiosos de matriz africana, e em como isso afeta a população negra no Brasil.

O discurso das instituições oficiais de memória e as coleções museológicas raramente valorizaram o tema da cultura de povos de origem africana e isto se faz sentir no que hoje constitui o patrimônio de origem afro-brasileira.

Burnard (2011)

O patrimônio afro-brasileiro é de extrema importância para a compreensão e valorização dos saberes tradicionais, e representa uma parte importante da história e cultura brasileira a esse respeito Monteiro acrescenta.

De fato, a sociedade brasileira deve muito à população negra e aos quilombos e tem muito o que aprender com eles em termos de história, de vida, de trabalho e de valores. Por meio da tradição oral, essas comunidades guardam uma história que não é ensinada nas escolas, não é conhecida e nem valorizada, em especial nos municípios onde estão localizadas, responsáveis pela educação infantil

e pelo ensino fundamental. (MONTEIRO. REIS. 2019. p.4-5)

As manifestações culturais e artísticas como a capoeira, o samba, o candomblé, a culinária, entre outras, são exemplos de elementos presentes no patrimônio afro-brasileiro que possuem um valor cultural e histórico significativo. Ao conhecer e valorizar o patrimônio afro-brasileiro, é possível contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois é uma forma de reconhecer a importância da cultura e da história dos afrodescendentes na construção da identidade brasileira. Além disso, o estudo do patrimônio afro-brasileiro pode fornecer subsídios para o combate ao racismo e à discriminação racial, que ainda são problemas presentes em nossa sociedade de forma especial no sistema educacional isso desde os anos iniciais, mesmo quando as leis de diretrizes e bases apontam a necessidade do estudo de todas as culturas formadoras de nosso país o que ocorre nas salas de aula são o ocultamento e a distorção do que foi e é as histórias ameríndias e africanas (SIMONI,2022)

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996), afirma que a ação da Educação Infantil é complementar à da família e à da comunidade, o que implica um papel específico das instituições que a ofertam. Duas legislações, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) e a LDB, concebem o direito da criança à educação em dois aspectos:

o primeiro trata da igualdade de oportunidades para as crianças independentemente das questões econômicas, étnico-raciais e de gênero. Nesse sentido, a educação não deveria reproduzir nem reforçar desigualdades.

O segundo refere-se ao ensino pautado em uma concepção ampla de educação, percebendo a criança como ser ativo, competente, agente, produtor e reproduzidor de cultura, pleno de possibilidades atuais e não apenas futuras –

criança como ator social e não objeto de socialização e práticas de escolarização disciplinadora.

A LDB traz ainda o Art. 26-A, que trata da obrigatoriedade do ensino da história da cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino, fruto de uma luta histórica do movimento negro, em consonância com a sociedade civil, na qual destacamos os seguintes artigos (Monteiro.Reis.2019.p.17)

Para o desenvolvimento da educação brasileira podemos observar a falta desses assuntos, relacionados à história afro indígena principalmente nos livros didáticos (Pinto, 1982; Silva,1987). A problemática surge quando mesmo com leis a educação não leva a inclusão tão a sério, podemos ver através da Lei nº 10.678, DE 23 DE MAIO DE 2003. Lei que cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, e com elas as ações afirmativas que visam promover a equidade e oportunidades para os afro-descendentes, assim também surge a lei 10.639/2003 e a 11.645/2008 que em seu artigo 26 afirma;

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena (Brasil, 2008).

Por isso, é fundamental que o patrimônio afro-brasileiro seja mais reconhecido, valorizado e preservado, a fim de que possamos ter acesso a um conhecimento rico e diverso sobre a história e a cultura do Brasil e, assim, contribuir para o desenvolvimento do saber de forma mais ampla e inclusiva.

Para que a educação se efetive como direito, a diversidade das infâncias que se unem pelo adjetivo quilombola precisa

encontrar, nas escolas, a valorização de suas histórias, de seus saberes, de seus modos de vida e da identidade negra e expressões culturais de matriz africana, como o jongo/caxambu, se apresentam como um caminho importante de trabalho. Apesar de vivermos em um país onde a conjuntura política, econômica, social e cultural secularmente extermina vidas negras, a escola precisa afirmar que os mocambos e quilombos não morreram, que eles estão aí, aos milhares; que jongueiras e jongueiros estão aí, visibilizados nas comunidades, nos palcos, nas ruas, nas escolas; que negras e negros estão nas universidades; que professores quilombolas, indígenas, ribeirinhos, caiçaras, sem-terra e sem teto estão se formando nas universidades, nas Licenciaturas em Educação do Campo, para ocuparem as escolas diferenciadas (Monteiro. Reis. 2019. p.17)

O maior reconhecimento do patrimônio afro-brasileiro no que tange o turismo ou o fazer turismo possibilita a pais se perceber enquanto parte da história das comunidades tradicionais, para as comunidades representa a valorização de seus saberes, renda extra no caso da implementação do turismo comunitário e o mais importante quando bem executado atividades turísticas dentro de comunidades auxilia no combate ao racismo proporcionando o conhecimento e reconhecimento dessas culturas.

### 3.1 O Turismo no Brasil e a população afrodescendente no setor turístico

O Turismo brasileiro enquanto setor econômico é reconhecido como importante gerador de divisas capaz de gerar oportunidades de trabalho e renda e de contribuir para a redução das desigualdades regionais e sociais em diferentes pontos do

nosso território<sup>3</sup> Dentre eles nas comunidades tradicionais, aqui vistas como campo importante para atuação.

Porém a realidade do turismo aponta as desigualdades sociais e o mesmo se tornou e ainda é pensado para atender uma minoria branca e abastada financeiramente. Talvez por isso o curso de turismo também seja composto em sua maioria por pessoas brancas; devemos considerar que a realidade do turismo e no turismo é apenas o reflexo da realidade social do país onde mesmo sendo composto em sua maioria por pretos e pardos os mesmo em sua maioria vivem em condições de sub-empregos ou na informalidade. Assim o campo do turismo continua desenvolvendo um turismo excludente e com pouca representatividade, de grupos ameríndios e negros. E se tratando de roteiro turístico quando as comunidades tradicionais são incluídas, são tratadas e vistas por vezes como exóticas, e por vezes quando esse turismo se desenvolve em massa, acabam causando inúmeros impactos dentro dessas comunidades. Assim os turistas ou pelo menos a maioria deles têm nome e endereço, e esse endereço nunca é o da periferia ou o das comunidades de baixa renda, então fica nitidamente visível que a classe dominante é quem está na atuação do setor turístico, e usufruindo dele enquanto turista, dificultando e tornando inalcançável a possibilidade de representação nesse setor. De acordo com esses dados do censo 2022 podemos ver que a maior parte da população brasileira é preta e além disso ocupa o espaço das classes mais baixas do país, estando às margens da sociedade. Em face do cenário atual, tem se visto muito o racismo estrutural em todos os âmbitos, inclusive no turismo. Está clara a falta de representatividade no mercado de trabalho, incluindo a área em questão, quando OLIVEIRA (2020) diz que [...] "corpos negros são vistos como destoantes, supostamente não pertencem aos lugares que ocupam, seja no

---

<sup>3</sup> O Plano Nacional do turismo consiste na ferramenta de planejamento e ação estratégica do governo federal, para estruturação e ordenamento da atividade turística, com respeito aos princípios da sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional. Entre as diretrizes do PNT 2007-2010 destacamos nosso compromisso com o desenvolvimento local e a inclusão social, com vetor no turismo, por meio da implementação de macroprogramas e programas orientados por objetivos como o de estruturar destinos, diversificar a oferta e dar qualidade ao produto turístico. Neste contexto identificamos que em um território ocorre a interação do homem com o ambiente, podendo resultar em diversas maneiras de se organizar e se relacionar com a natureza e a cultura transformando estes ativos em fonte de lazer, entretenimento e conhecimento para visitantes e inserção socioeconômica da população local nas atividades relacionadas com o turismo. Turismo de Base comunitária/turismo sustentável( MINISTÉRIO DO TURISMO, Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo, 2010)

papel de hóspedes ou de anfitriões”, ela se refere a falta de negros em locais de lazer e em grandes setores. Ela também usa uma referência para explicar como o racismo funciona.

De acordo com Fredrickson (2002), o racismo origina-se de uma mentalidade que considera ‘eles’ como diferente de ‘nós’, de maneira que essas diferenças são permanentes e intransponíveis. Esse sentimento de dessemelhança fornece um ‘motivo’ para tratar o outro de maneira cruel ou injusta. Encarar o outro como inferior a partir de características fenotípicas - pensadas no senso comum como raça. (OLIVEIRA. 2020. p. 221)

Refletindo sob essa perspectiva podemos perceber como o negro é visto nesse contexto como um ser inferiorizado de forma desumana assim como era visto e retratado no período escravocrata. Assim o afrodescendente continua às margens da sociedade desprovido do direito de ocupar espaços de poder e desfrutar de momentos de lazer enquanto turistas. O **artigo 6º, caput, artigo 7º, IV, artigo 217, § 3º, e artigo 227 descreve** que; o lazer está inserido no capítulo dos Direitos Sociais e este, por sua vez, encontra-se no título dos Direitos Fundamentais. Então se o direito ao lazer está associado a todos os grupos sociais, por que o negro nunca está inserido nessa realidade? Porque vivemos é um país onde o mesmo ainda não é reconhecido enquanto um cidadão de direitos, assim as lutas sociais e raciais são instrumentos importantes para as conquistas de grupos minoritários como os afrodescendentes.

Ao falar de negro e turismo, o negro sempre é visto como o trabalhador e não como consumidor no setor turístico Oliveira diz que “De acordo com os autores, quando o negro é invisibilizado como consumidor do turismo, ele é espetacularizado como atrativo turístico, subalternizado como servidor do turismo ou, ainda, tomado como membro de um povo carente de auxílio.” com essa fala está claro o racismo existente não apenas no Brasil, mais também na estrutura turística. Então ao falar do setor turístico como racista e excludente, podemos enxergar inúmeras ações racistas vinda no setor, uma delas a autora OLIVEIRA menciona.

até o começo dos anos 1990 era política oficial, pelo Instituto Brasileiro de Turismo [Embratur], a exploração de um suposto erotismo intrínseco à mulher negra como técnica publicitária, para vender o país no exterior, o que, de modo nefasto, colaborou diretamente para a consolidação da imagem do Brasil como paraíso das mulatas. (OLIVEIRA. 2020. p. 221)

Se o homem negro é visto como trabalhador a mulher negra é reduzida a um corpo a ser vendido e usurpado dentro e fora do país, no setor turístico, a imagem da mulher negra exótica, e boa para sexo, essa imagem é até hoje vista fora do Brasil, enfatizando assim a ideia e prática de turismo sexual com a mulher negra, fonte de muita renda para alguns grupos que exploram sobre tudo as cidades do nordeste. Os pacotes ofertados quase sempre a estrangeiros movimentam o mundo do turismo mesmo nas obscuridades. Essas estratégias e práticas existem e são reflexos do período da escravização onde seus senhores possuíam as escravizadas de ganho, obrigadas a se prostituir como fonte de renda a seus senhores, mais um ponto a ser considerado como racismo estrutural. O corpo negro como objeto público e passível a ser violado pelos brancos.

No setor turístico, assim como na sociedade brasileira como um todo, podemos ver que as práticas racistas são cotidianas, o que pode nos levar a pensar como o mesmo está enraizado no Brasil. Através de inúmeros atos, foi criado um sistema desigual de oportunidades, nesta fala o autor Almeida diz que [...] “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.” (2019.p.33) Com essa fala o autor deixa claro que o racismo se naturalizou e tudo gira em torno dessa desigualdade, o Brasil funciona com o sistema de racismo para privilegiar um grupo enquanto um outro grupo é totalmente desigual. Enquanto o grupo maior é colocado em um espaço mínimo e precário, o grupo menor se beneficia e se privilegia com esse sistema, determinando a etnia como maior fator para, ter casa, carro, lazer, trabalho e uma vida de qualidade.

Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais etc. –, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito. (ALMEIDA.2019.p.32)

Nesta fala de Almeida, podemos enxergar, que através disso, é passado de modo hereditário para todos órgãos institucionais de uma forma que todos estão coniventes com o racismo estrutural e levam como “normal” passando de instituições e perpetuando atos racistas. Com o acesso negado e mínimo os trabalhos que restaram para os negros foram de baixa hierarquia ou mal remunerados como diz ALMEIDA 2019.

nesses mesmos ambientes, olho para os trabalhadores da segurança e da limpeza: a maior parte negros e negras como eu, todos uniformizados, provavelmente mal remunerados, quase imperceptíveis aos que não foram “despertados” para as questões raciais como eu fui. ALMEIDA(2019.p.38)

Diante de toda essa constatação de desigualdade, o Brasil ainda nega o racismo estrutural e o aceita de forma benéfica, privilegiando apenas uma classe, e negligenciando as outras. como diz Almeida “Mas é o racismo institucional que mantém os negros presos em favelas dilapidadas, sujeitas às pressões diárias de exploradores, comerciantes, agiotas e agentes imobiliários discriminatórios.” (ALMEIDA. 2019. p. 30. apud Ibidem, p. 2.). Podemos refletir através dessas falas que o negro no Brasil é visto como inábil e após anos e anos de rejeição, encheramos o reflexo disso no âmbito do trabalho.

O turismo é uma área que não mostra o racismo como uma problemática, o setor não fala da falta de profissionais negros e nem abre muitas discussões. Em uma pesquisa feita pela autora Oliveira ela revela que com 2.618 artigos publicados pela área turística 5 são sobre a problemática de racismo no turismo, com uma porcentagem de 0,19% de tudo já publicado.

No setor de trabalho ela afirma ter poucas informações de negros, não havendo nenhuma ideia de qual cargo ocupam, a autora diz que uma pesquisa feita pelo PNAD (pesquisa nacional por amostra de domicílio) 2021, mostra que no primeiro semestre de 2021 pessoas não negras gastaram em alimentação, alojamento e turismo o valor de R\$2.194,00 e pessoas negras R\$1.274,00 visivelmente a diferença de renda. A autora afirma a invisibilidade negra no setor hoteleiro em como não há pessoas negras trabalhando nesse setor, fazendo referências a vários autores para mencionar que no Brasil o racismo é negado. Em face do cenário atual, tem se visto muito o racismo estrutural em todos os âmbitos, inclusive no turismo. Está clara a falta de representatividade no mercado de trabalho, incluindo a área em questão. (OLIVEIRA. 2020. p.220-228)

Entre as formas de racismo no turismo estão a recusa de hospedagem em hotéis e pousadas, a negação de serviços em restaurantes, bares e lojas, a cobrança de preços mais altos para turistas de determinadas etnias, a violência física e verbal contra esses grupos, entre outras. No Brasil existem relatos de casos de racismo no AirBnb e alguns usuários relatam sentirem mais dificuldade em conseguir um Uber por serem negros (CUSTODIO, 2016).

Dentro desse ponto, é pautado o racismo dentro das hospedagens, além dos negros sempre serem confundidos com empregados e não hospede. ou em alguns casos de hospedagem por plataforma OLIVEIRA (2020) destaca que “quando se reflete sobre negros e turismo, é o fato desses sofrerem maior rejeição como hóspedes em plataformas de acomodação compartilhada – como o AirBnB”. Muitos viajantes não brancos relatam terem sido alvo de olhares e comentários preconceituosos, bem como de atitudes hostis ou até mesmo violentas. Além disso, muitos hotéis e empresas de turismo têm políticas discriminatórias em relação a pessoas pretas, como exigir depósitos de segurança mais altos ou negar a entrada com base na cor da pele. Outro exemplo de racismo no turismo dentro do Brasil é a falta de representatividade de negros nas imagens promocionais do país. As campanhas de marketing muitas vezes apresentam principalmente modelos brancos, o que pode fazer com que os viajantes não

brancos se sintam invisíveis ou indesejados e principalmente não representados.

No turismo existe uma grande demanda trabalhista, incluindo diversas áreas indiretamente, com isso podemos analisar as dificuldades que a população negra encontra em adentrar nesse mercado de trabalho, mesmo com a alta demanda, com isso acaba permanecendo em baixos cargos, OLIVEIRA diz que.

Ao basear seu empreendimento em narrativas afroreferenciadas, os afroempreendedores buscam gerar renda entre os negros, auxiliando na luta contra a desigualdade social, tão patente no Brasil e que aflige de maneira muito mais intensa os negros, haja vista que, embora sejam maioria no país (55,8% da população) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE, 2019), eles os tem piores salários (Equipe Lupa,2018) e possuem taxas de analfabetismo mais altas (IBGE, 2018). Deste modo, por este caminho, o afroempreendedorismo auxilia na busca por uma sociedade mais igualitária. (OLIVEIRA. 2021. p. 4)

Podemos observar através de Oliveira a realidade do setor turístico, a luta constante pela igualdade racial e a dificuldade de representatividade no setor, essa situação vem sendo estudada com frequência nos últimos tempos o que mostra a importância de trabalhos igualitários e órgãos representativos. A desigualdade racial no setor turístico do Brasil tornou-se ainda mais presente com o recente aumento do afroempreendedorismo<sup>4</sup>, uma forma que muitos veem como uma chance de acessar os benefícios do turismo que lhes foram negados por décadas devido ao racismo sistêmico, infelizmente, esta oportunidade é muitas vezes prejudicada pelo fato de que as empresas pertencentes a brancos têm uma parcela muito maior da indústria do turismo, o que significa que pessoas negras não recebem sua parte justa do turismo. Isso levou a uma disparidade crescente entre a renda de brancos e não-brancos no Brasil, bem como a uma falta de investimento em comunidades tradicionais. A única maneira de resolver esse problema é

---

<sup>4</sup> afroempreendedorismo: este contexto, surge o conceito de afroempreendedorismo, que se refere ao fenômeno de caráter econômico, político e social que incentiva o negro ou negra a desenvolver uma atividade empreendedora, criativa e inovadora, com ou sem o auxílio de colaboradores.

garantir que as empresas de afroempreendedorismo, tenham oportunidades iguais de sucesso. Isso significa criar programas que proporcionem acesso a capital, treinamento e outros recursos para quem deseja iniciar seu próprio negócio no setor do turismo. Além disso, significa aumentar o alcance de clientes em potencial de diversas origens, para que eles tenham maior probabilidade de apoiar empresas pertencentes a negros. Por fim, significa aumentar a conscientização sobre o racismo no setor de turismo e defender mudanças sustentáveis. O afroturismo é uma ótima maneira de fazer progressos significativos e igualar as oportunidades, além de fornecer ao turista um atrativo diferente. A conscientização e a educação também são fundamentais para combater o racismo no turismo no Brasil. É importante que os turistas entendam a importância da diversidade e da inclusão em suas viagens e que aprendam a respeitar as culturas e tradições locais. Além disso, é importante que os próprios moradores locais recebam treinamento sobre diversidade e inclusão, para que possam receber os viajantes de forma acolhedora e sem preconceitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, exploramos a complexa relação entre racismo e turismo, sob as lentes de uma futura profissional da área e sob minha militância que foram essenciais para compreender as experiências das pessoas negras nesse contexto, já que eu mesma sou. Nossa pesquisa reafirmou que o racismo estrutural permeia profundamente a atividade turística, impactando de forma significativa a vida das pessoas negras em suas diferentes dimensões sociais, culturais, políticas, pessoais e econômicas. Identificamos que as mulheres negras são particularmente afetadas por essa intersecção de raça, classe e desigualdade de gênero. Elas enfrentam desafios adicionais e têm suas vozes frequentemente silenciadas, tanto como turistas quanto como profissionais do setor do turismo. Compreender a complexidade estrutural e histórica que coloca as

mulheres negras em uma posição de desvantagem é fundamental para promover a justiça social e a igualdade de oportunidades nesse setor. Durante nossa pesquisa, buscamos refletir sobre a minha existência enquanto mulher negra e estudante de turismo, buscando refletir sobre meu corpo presente nesse espaço e academia como formas de resistência e empoderamento, assim destacamos o papel fundamental de minhas narrativas mesmo que as mesmas não apareçam diretamente na escrita, para o desenvolvimento e produção desse conhecimento/TCC como um ferramenta necessária para se pensar formas de combater o racismo e promover a conscientização e a mudança nesse espaço academia e nos âmbito do turismo. As escrituras oferecem espaços de reflexão crítica, permitindo que as vozes das pessoas negras sejam ouvidas e valorizadas, desafiando as narrativas dominantes e redefinindo as experiências no contexto do turismo. Além disso, enfatizamos a importância da militância como um meio efetivo de enfrentar o racismo e promover a transformação social. A militância antirracista e a luta por direitos e igualdade são fundamentais para desmantelar as estruturas de opressão que sustentam o racismo e promover uma sociedade mais justa e inclusiva. Nossa pesquisa ressalta a necessidade de políticas e práticas inclusivas no setor do turismo, que considerem as experiências diferenciadas das pessoas negras e promovam a igualdade de oportunidades, a representatividade e o empoderamento, as mesmas promovam a permanência de pessoas negras na academia . É preciso avançar em direção a uma indústria turística que valorize a diversidade, combata o racismo e seja sensível às múltiplas dimensões de identidade. No entanto, reconhecemos que este trabalho é apenas um passo inicial em direção a uma compreensão mais profunda e abrangente do tema. Futuras investigações podem explorar a efetividade das políticas de inclusão e igualdade no turismo, a interseção de outras formas de opressão com o racismo, como o classismo e a homofobia, e a importância da educação e sensibilização como ferramentas para combater o preconceito. Em última reflexão, esperamos que este trabalho contribua para o debate e a conscientização sobre a interseção entre racismo e

turismo, fornecendo insights para a criação de um setor turístico mais inclusivo, equitativo e respeitoso com a diversidade de experiências e identidades. Acreditamos que a conscientização e a ação são fundamentais para transformar a realidade, e é nosso dever como pesquisadores e agentes de mudança contribuir para essa transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen.

Amorim, E., Silva, E., & Paulino, R. (2017). O Corpo como Linguagem no Processode Mercantilização dos Escravos e Escravas Negras para Designação das Atividades Laborativas no Século XIX no Brasil. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp.

1-16. Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17(49). doi:<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>

Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.

ARRUDA, Dyego de Oliveira. *As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal*. 2023.

ÂNGELO, Cristina Aparecida Pimenta dos Santos. *As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal*. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003. Cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 26 maio de 2003c. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.678.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.678.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

Collins, Patricia Hill. (1990), "Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013. [Em inglês, Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

CUSTÓDIO, T. Airbnb e Uber mostram como funciona o racismo na era digital. Revista Galileu, Rio de Janeiro, setembro de 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/09/airbnb-e-uber-mostra-m-comofunciona-o-racismo-na-era-digital.html>. Acesso em: 05 de outubro de 2017.

EVANGELISTA, Ana Paula. NEGROS SÃO OS QUE MAIS MORREM POR COVID-19 E OS QUE MENOS RECEBEM VACINAS NO BRASIL. 2020.

E Monteiro, MCG Reis - Educação & Realidade, 2019 - SciELO  
O'PATRIMÔNIO DA CULTURA Patrimônio Afro-Brasileiro no Contexto da Educação Escolar Quilombola

FANON, Frantz. Pele Negra. Máscaras Brancas. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FILHO. Walter Fraga. UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL. Centro de Estudos Afro-Orientais Fundação Cultural Palmares. 2006.

F Rosemberg, C Bazilli, PVB Silva - Educação e pesquisa, 2003 - [educa.fcc.org.br](http://educa.fcc.org.br)

FRANÇA, D. X. "Discriminação de crianças negras na escola", in Interacções, vol. 13, n. 45. Sergipe, 2017, pp. 151-71. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476>. Acesso em: 8/7/2019

GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da escravidão e liberdade. 2018.

Gonzales, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje ,223-244.

KILOMBA, Grada. "The Mask". In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010. p. 10-50.

Kilomba, G. (2019). Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.

LIMA, Elânia Francisco. Erguer a voz, não passar a vez: mulheres negras periféricas e os desafios da vida acadêmica. 2019 .p.43-48.

MADEIRA, Zelma. Abolição da escravidão e o ativismo negro. 28 de Maio de 2021.

MIRANDA, Janira Sodré. Janira Sodré faz palestra na Regional Goiás da UFG. Por weberson dias. Em 12/08/16.

MIRANDA, Janira Sodre. "Gênero e Raça: Experiências na Sociedade Brasileira. Palestra proferida no âmbito do evento Grupo de Estudos, Pesquisa, Extensão e Cultura Gênero, Direitos e Sexualidade (G-SEX), Universidade Federal de Goiás Goiás 2016.

MONTEIRO, Elaine Monteiro. Patrimônio Afro-Brasileiro no Contexto da Educação Escolar Quilombola. 2019.

Munanga, K. (05 de Novembro de 2003). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Precisamos falar sobre racismo no turismo- Ritur (2021)

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Negros e Turismo: Análise da Produção Acadêmica sobre o Tema em Revistas Vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil Rosa dos Ventos, vol. 13, núm. 1, 2021 Universidade de Caxias do Sul, Brasil. p. 219-238, 2021.

OLIVEIRA, NATÁLIA ARAÚJO DE. afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul–UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil, p.4. 2021.

PASSOS, Joana Célia dos. As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos. 2012. p. 138-154.

PINTO, Regina P. Educação do negro: uma revisão da bibliografia. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 62, p. 3-34, ago 1987a.

\_\_\_\_\_. A representação do negro em livros didáticos de leitura. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987b.

\_\_\_\_\_. Raça e educação: uma articulação incipiente. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 80, p. 41-50, 1992.

\_\_\_\_\_. Diferenças étnico-raciais e formação do professor. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 108, p. 199-231, nov. 1999.

PRUDENTE, Eunice. Eunice Prudente destaca que a mulher negra sofre uma tripla forma de discriminação porque é mulher, negra e pobre. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra.2020.

RAMOS, Ana Carolina. O'PATRIMÔNIO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E SEU USO E APROPRIAÇÃO PELO TURISMO

REIS, Maria Clareth Gonçalves. Patrimônio Afro-Brasileiro no Contexto da Educação Escolar Quilombola. 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? . Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)», Horizontes Antropológicos, 54 | 2019, 361-366.10

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES NETA, A. M. Mulher negra quilombola do Vão de Almas: ancestralidade e resistência. 2021. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

ROSABONI, Camilly. No pós abolição, ex-escravos e imigrantes têm similar ascensão social no oeste paulista. 2022.

(Rosemberg, 2003.p.130)

SANTOS, Joice dos. SÁ, Natália Silva Coimbra de A mulher negra viajante: experiência e estratégias de combate a sua invisibilidade no turismo. 2021. p.254-265.

Simoni, Rosinalda Correa da Silva. A Congada da Vila João Vaz em Goiânia (GO): Memória e Tradição. 2017. 287 f. Tese (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

SIMONI, Rosinalda Correa da Silva. ANCESTRALIDADE FEMININA: DA ESSÊNCIA DO SAGRADO AOS MOVIMENTOS FEMINISTAS, MULHERES NEGRAS E REPRESENTATIVIDADE\* revista FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 293-300, abr./jun. 2019.

Simoni, Rosinalda Correa da Silva.&MARINHO, Thais Alves.

Decolonialidade e mulheres negras em Goiás: do afrocatolicismo aos feminismos de terreiros, Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 24, n.1, jan./jun. 2021, p. 23-52.

SILVA, Thamires Vitória da. A INFLUÊNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL EM DECISÕES PENAS PROFERIDAS CONTEMPORANEAMENTE. GUANAMBI – BA. 2021.

SOUZA, Mário Luiz de. Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira. 2022.

SOUZA, Luciane Barbosa de. O TOMBAMENTO DO ILÊ AXÉ IYÁ NASSÔ OKÁ PELO IPHAN: UM ESTUDO DE CASO. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Dicionário da escravidão e liberdade. 2018.

site visitados:

[.https://diariodoturismo.com.br/precisamos-falar-sobre-discriminacao-ou-racismo-no-turismo-brasileiro/](https://diariodoturismo.com.br/precisamos-falar-sobre-discriminacao-ou-racismo-no-turismo-brasileiro/)

<https://www.ethos.org.br/cedoc/profissionais-negras-demandam-mais-politicas-afirmativas-no-mercado-corporativo-brasileiro/#:~:text=O%20levantamento%20do%20Instituto%20Ethos,7%25%20no%20quadro%20executivo%20das>

<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> . 31/07/2020

<https://jornal.usp.br/diversidade/no-pos-abolicao-ex-escravos-e-imigrantes-tem-similar-ascensao-social-no-oeste-paulista/>

<https://www.sindsep.com.br/artigo-abolicao-da-escravidao-e-o-ativismo-negro/>

<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>

[h\[https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-sobe-duas-posicoes-no-rank\[ing-mundial-de-contribuicao-do-turismo-em-2021#:~:text=Aproximadamente%20US\[%24%20103%2C5%20bilh%C3%B5es,no%20per%C3%AADodo%20antes%20da%20pandemia](https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-sobe-duas-posicoes-no-rank[ing-mundial-de-contribuicao-do-turismo-em-2021#:~:text=Aproximadamente%20US[%24%20103%2C5%20bilh%C3%B5es,no%20per%C3%AADodo%20antes%20da%20pandemia).

[https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/1o-censo-do-brasil-feito-ha-150-anos-contou-1-5-milhao-de-escravizados#:~:text=Do%20total%20da%20popula\[%C3%A7%C3%A3o%2C%2058,4%25%20foram%20descritos%20como%20ind%C3%ADgenas](https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/1o-censo-do-brasil-feito-ha-150-anos-contou-1-5-milhao-de-escravizados#:~:text=Do%20total%20da%20popula[%C3%A7%C3%A3o%2C%2058,4%25%20foram%20descritos%20como%20ind%C3%ADgenas).

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/zelma-madeira/abolicao-da-escravidao-e-o-ativismo-negro-1.3090993>

<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>

<https://goias.ufg.br/n/90733-janira-sodre-faz-palestra-na-regional-goias-da-ufg>

g